

Parte 4

Sociologia – por um conhecimento praticado

Todo professor lúcido, e mais ainda o sociólogo, se pergunta o que e como ensinar. A maioria logo reprime essas perguntas; outros procuram afogá-las no conservadorismo reprodutor da ordem social ou, inversamente, no revolucionarismo de um futuro promissor. O pesquisador dialético vai encará-las como um sistema de contradições em movimento.

*René
Barbie,
1985*

A crise da escola! Expressão repetida e que o estudante de Sociologia da Educação tem de enfrentar em seu próprio estudo

Também por essa razão, o ensino da Sociologia exige que professores(as) e alunos(as) façam pequenas pesquisas, analisando a realidade social da escola e de sua comunidade.

Os cursos de graduação devem preparar os profissionais da educação para o exercício da autonomia pedagógica, isto é, para a busca de alternativas teóricas e de práticas curriculares, com a realização de atividades diferenciadas de pesquisas reflexivas e propositivas para a escola.

A autonomia escolar é assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que a afirma da seguinte forma:

“Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observadas as normas gerais de direito financeiro público” (Lei Federal nº 9.394/96, art. 15).

Na opinião de Rui Canário (2005, p. 183), a dificuldade em compreender as mutações que a escola foi sofrendo resulta tanto do "processo de naturalização" a que ela foi estando sujeita, quanto do fato de "o monopólio educativo" conquistado pela escola pública contribuir para a fechar sobre si mesma e a privar de "referenciais externos" que ajudariam à sua crítica e transformação. Acrescenta, ainda, que tal dificuldade não se circunscreve apenas ao domínio educativo, inserindo-se num "fenômeno mais geral de déficit de capacidade crítica" que perpassa a própria sociedade contemporânea.

Desnaturalizar os processos que ocorrem na escola deve ser um dos objetivos da Sociologia da Educação.

Nesse sentido, pequenas pesquisas podem ser encaminhadas nos cursos de graduação, no sentido de estimular alunos e professores para o estudo da própria escola, localizando as modificações havidas no acesso à escola pelo conjunto da população brasileira, valendo-se para isso de horas de estágio.

Texto 1

Breves Orientações de Pesquisa¹

Algumas orientações para essas atividades devem ser consideradas. A primeira delas é que as pesquisas não devem manipular ou tratar os sujeitos/instituições pesquisadas como se fossem coisas/objetos. Toda pesquisa deve seguir um código de ética, segundo o qual o pesquisador informa ao pesquisado o objetivo da pesquisa, pede autorização para fazê-la e se compromete a retornar para ele os resultados, num tratamento respeitoso que considera o outro como um sujeito social. Também com esse objetivo, em geral, na divulgação dos resultados, recomenda-se que os sujeitos/instituições tenham suas identificações preservadas, o que exige que o pesquisador se valha de “nomes-fantasia”, ainda que situações em que haja autorização prévia do pesquisado possam não obedecer a essa regra de sigilo.

É fundamental observar a natureza do estudo a ser feito, discutindo os diferentes métodos que podem ser aplicados no levantamento das informações e dados. Métodos qualitativos (observação, questionário, entrevista, grupo focal, história de vida, análise documental) podem, por vezes, ser combinados a métodos quantitativos (enquetes/levantamentos estatísticos amostrais ou censitários). Cada

¹ Consultar:

Univesptv. *Instrumentos e técnicas de pesquisa*, in:

<http://www.youtube.com/watch?v=W7owrZJD0HQ>

Univesptv. *Pesquisa em Ciências Humanas e Educação*, in:

<http://www.youtube.com/watch?v=v7Z8n6RjopQ>

[http://wiki.ua.sapo.pt/wiki/T%C3%A9cnicas e Instrumentos de Recolha de Dados na Investiga%C3%A7%C3%A3o em Educa%C3%A7%C3%A3o](http://wiki.ua.sapo.pt/wiki/T%C3%A9cnicas_e_Instrumentos_de_Recolha_de_Dados_na_Investiga%C3%A7%C3%A3o_em_Educa%C3%A7%C3%A3o)

método deve ser analisado pelo professor e aluno para verificar sua adequação ao objetivo da pesquisa.

Qualquer que seja a abordagem adotada, um estudo deve se valer preliminarmente de pesquisa bibliográfica relativa ao tema, atividade que precede, mas que, também, acompanha o *trabalho de campo*, isto é, a coleta das informações, sendo fundamental para a análise dos dados achados.

Novamente, a internet é uma ferramenta inquestionável para o levantamento de bibliografia. Nela se encontram acessíveis muitas revistas de caráter científico, com relatos de pesquisas em andamento e já concluídas². Como deve ser feito em qualquer outra modalidade de pesquisa bibliográfica, os levantamentos realizados nesse meio eletrônico exigem o cuidado rigoroso na citação das fontes, obedecendo às normas técnicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Por fim, todo aluno-pesquisador precisa se valer de uma forma de registro escrito, denominada “caderno de campo”, que deve conter, no início, o planejamento do trabalho, com a sequência de atividades previstas. Atualmente, aparelhos eletrônicos – como tablets e celulares, com dispositivos fotográficos, podem facilitar os registros da pesquisa, inclusive com fotos e pequenos vídeos. O importante é que os registros sejam armazenados de forma a permitir sua categorização pelo pesquisador, procedimento que consiste em retomar o material registrado, fazendo as devidas classificações por assunto e/ou questão anotada, construindo as categorias que permitam o aprofundamento do tema, que possam respaldar-se em produções teóricas e que irão facilitar a produção do Relatório da Pesquisa. **(ilustração/figura de um caderno de campo com espaço de margem para categorias).**

Este Relatório nada mais é do que a apresentação e a justificativa da pesquisa, o seu desenvolvimento, isto é, os procedimentos utilizados, e os principais achados ou conclusões, respaldados na literatura temática selecionada. Escrever o Relatório de uma pesquisa sempre pode parecer difícil! Por isso, é muito importante que o professor estimule e oriente os alunos, valorizando essa atividade.

² Consultar para isso a publicação do SciELO (Scientific Electronic Library Online), uma biblioteca eletrônica de periódicos científicos:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_home&lng=pt&nrm=iso

A abordagem qualitativa

A abordagem qualitativa, bastante usada pelas ciências sociais, pretende o esforço de compreender e, portanto, é de natureza processual. Como se disse, na pesquisa de natureza social objeto e sujeito do conhecimento coincidem, misturando-se na complexidade do social. Como ocorre em qualquer pesquisa, também o aluno/pesquisador se conhece ao conhecer e para isso precisa ser formado, aprendendo a prestar atenção a seus próprios comportamentos e atitudes. É preciso chamar a atenção dos alunos quanto a essa característica intrínseca do pesquisador e, especialmente, do sociólogo, da sociologia e da docência, cujo objeto é o ser humano em sua relação com o outro e com suas organizações e instituições sociais (MARTINS & BOGUS, 2004).

A intenção de compreender do método qualitativo de pesquisa valora dados ricos em descrições de pessoas, situações, acontecimentos e vivências. A abordagem qualitativa substitui as correlações estatísticas pelas descrições e as conexões causais objetivas pelas interpretações, que devem ser feitas com a necessária cautela – o aluno/pesquisador deve aprender a se perceber na relação dialógica buscada na abordagem qualitativa, aprendendo, também, a fazer a observação atenta sobre os fatos estudados e sobre os contextos sociais onde os mesmos se inserem (MARTINS & BOGUS, 2004).

Seguem alguns procedimentos da pesquisa qualitativa.

As observações devem ser precedidas de uma problematização, que prepare o olhar do observador para “estranhar” a realidade a ser observada com o intuito de desnaturalizá-la, especialmente quando a observação é dirigida a locais como a escola, onde o aluno/professor frequentou e/ou frequenta de forma cotidiana e por longos períodos, sendo, por essa razão, portador de certa “cegueira situacional” em relação a esses espaços e às relações neles desenvolvidas.

As entrevistas, muito usadas em pesquisas qualitativas, devem ser precedidas de roteiro cuidadoso, um guia seguro da ação, o que não significa a exigência de seu cumprimento rígido, posto que deva ser uma possibilidade de caminho. Isto quer dizer que podem ocorrer situações em que o entrevistado conduz a entrevista para

rumos não previstos. Aproveitando as novas informações, o entrevistador deve deixar o depoente falar com liberdade e ter a agilidade para não se perder no processo expositivo do entrevistado, retomando o roteiro quando julgar conveniente. As entrevistas podem ser gravadas ou anotadas. No primeiro caso, deve ser pedida autorização do entrevistado, antes de iniciá-la. No segundo caso, o pesquisador faz anotações em seu caderno de campo, completando-as no momento seguinte da entrevista a fim de não perder detalhes importantes do depoimento. A escolha do procedimento a ser tomado deve ser feita a partir de cada situação, pois há casos, inclusive, em que o pesquisador não deve sequer fazer as anotações para evitar inibições desnecessárias do entrevistado. Neste caso, em especial, o entrevistador deve fazer as anotações imediatamente após terminar a entrevista, aproveitando a memória recente dos depoimentos. Dessa forma, ainda que a definição da entrevista em estruturada (com questões fechadas), semi-estruturada ou aberta seja preliminar a sua realização, é no ato da mesma que a definição se consolida, de fato. A entrevista deve trazer um clima de interação, no qual o entrevistador se coloca na situação do entrevistado, favorecendo o diálogo. Nesse sentido, é importante que o entrevistador fique atento às manifestações corporais ou de expressão do entrevistado, porque também o comportamento e as atitudes do entrevistado são uma linguagem reveladora de seu pensamento, podendo estar de acordo ou não com o relato oral do mesmo, trazendo, por isso, novas informações ao pesquisador.

O grupo focal é uma entrevista coletiva com um grupo de depoentes, cuidadosamente selecionados por critérios que atendem aos objetivos da pesquisa. Nesse caso, o pesquisador atua, a partir de um roteiro elaborado previamente, provocando os depoimentos do grupo. Os grupos focais são geralmente gravados ou filmados. Um cuidado prévio importante a ser feito pelo pesquisador é obter um conjunto de informações a respeito de cada um dos informantes, de forma a qualificar/identificar seu depoimento no grupo. Um grupo focal é uma técnica interessante de ser aplicada em pesquisas junto a jovens, por exemplo: para colher seus depoimentos sobre a situação escolar.

A história de vida é uma entrevista em que o entrevistador busca um depoimento com maior profundidade. Deve ser cuidadosamente preparada em todos os aspectos – roteiro, local e tempo de duração necessário ao desenvolvimento da entrevista. Bosi (2003) chama atenção sobre esses aspectos, especialmente, se a entrevista for com idosos, por exemplo: velhos professores ou parentes mais velhos

no caso da pesquisa sugerida a seguir. A história de vida pode trazer uma carga emocional maior ao entrevistado e seu desenvolvimento caminha, em geral, numa espiral, na qual o depoimento inicial mais fechado vai se alargando no correr da entrevista, que pode incluir a busca de documentos antigos pelo depoente, como a apresentação de fotos ou de outros objetos, que devem receber a atenção cuidadosa do entrevistador.

A coleta e análise de documentos: - nas entrevistas ou mesmo em ações intencionais com essa finalidade, o pesquisador pode coletar documentos que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum pesquisador, como, por exemplo, documentos arquivados por entrevistados ou em escolas, reportagens, fotografias, gravações, entre outros. Estes documentos integram as fontes primárias de uma pesquisa. Documento é qualquer tipo de testemunho registrado (Cellard, 2008). Na análise de um documento, o pesquisador busca identificar informações factuais a partir de questões e hipóteses de interesse de sua pesquisa (LÜDKE e ANDRE, 1986:38).

A abordagem quantitativa

Com relação aos métodos quantitativos, eles se valem de amostras e ou de censos, pois eles buscam analisar a frequência e a regularidade de determinados fatos. Os métodos quantitativos que podem ser usados de forma complementar aos métodos qualitativos, ou seja, os estudos quantitativos podem gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente e vice-versa (Minayo e Sanches,1993).

Os questionários, em geral utilizados em pesquisas quantitativas, precisam ser elaborados com atenção para evitar questões indutoras, que coloquem respostas na “boca do respondente”, antecipando de forma equivocada o resultado da pesquisa. A formulação das questões deve ser elaborada de forma a levar ao respondente a informação precisa do que está sendo indagado. As questões podem propor respostas fechadas ou abertas. O primeiro caso é constituído por alternativas, em que o respondente assinala a opção que considera adequada, no segundo, o respondente é livre em sua resposta, podendo, apenas ter delimitado no instrumento o número de linhas para resposta. Nos dois casos, é preciso tabular as respostas, isto é verificar a incidência quantitativa de cada resposta, que no caso de questionários com questões abertas, precisam ser categorizadas para que o pesquisador possa ver de igual maneira, a incidência numérica dos argumentos/opiniões/informações utilizados nas respostas.

Outros documentos já analisados por pesquisadores podem ser acessados por estudantes e professor /pesquisadores, tanto em pesquisas qualitativas quanto nas de natureza quantitativa. Eles se constituem em fontes secundárias de pesquisa. Nessa direção, a internet é uma fonte importante de dados qualitativos e quantitativos. Bancos de dados quantitativos e de documentos oficiais estão cada vez mais disponibilizados por esse meio, sendo extremamente acessíveis os dados censitários de pesquisas populacionais e de outros temas.

Seguem-se algumas sugestões de pequenas pesquisas. Alunos e professores podem/devem introduzir modificações nos roteiros apresentados ao prepararem antecipadamente essas atividades.

Texto 2

A escolaridade no Brasil – um estudo com base na amostra constituída por alunos(as) e professor(a).

Esta pesquisa pode se constituir numa excelente oportunidade de aprendizagem de abordagens de pesquisa qualitativas e quantitativas, trazendo o aluno e o professor para as questões históricas e da construção do direito à educação no Brasil, retomando a terceira Parte desta publicação.

1. São seus objetivos, fazer com que os alunos:

1.1. Percebam a história educacional de sua família no contexto mais amplo das modificações educacionais havidas no país.

1.2. Aprendam a coletar dados quantitativos, fontes primárias, construindo tabelas e gráficos.

1.3. Aprendam a realizar entrevistas/história de vida e mesmo grupos focais.

1.4. Relacionem os dados obtidos por fontes primárias àqueles selecionados em fontes secundárias.

1.5. Aprendam a fazer pesquisa documental.

1.6. Façam análise, relacionando os dados coletados à pesquisa bibliográfica feita sob orientação do(a) professor(a).

2. Desenvolvimento.

2.1. Explicação da organização do ensino no Brasil no momento da realização da pesquisa³. Fazer breve retrospectiva da nomenclatura dos níveis e modalidades de ensino, conforme os períodos de organização da educação brasileira nos séculos XX e XXI.

2.2. Socialização a todos os alunos, via email, do cabeçalho da tabela, no formato Excel, a seguir, utilizada para coletar informações, assegurando sua devida compreensão, inclusive quanto à importância da veracidade das informações, posto que preenchimentos indevidos comprometem os resultados. É importante que a turma seja dividida em grupos de quatro elementos cada.

Número	Região Licenciando	Endereço completo	Atividade	Idade	Estado/PAIS	Sexo		Mãe	Pai	Educação Básica												Nível Superior																																							
						M	F			Educação Infantil				Educação Fundamental				Educação Médio				Graduação		Pós-graduação																																					
										Maternal	Infância	1º e 2º	3º e 4º	5º e 6º	7º e 8º	9º e 10º	11º e 12º	13º e 14º	15º e 16º	17º e 18º	19º e 20º	21º e 22º	23º e 24º	25º e 26º	27º e 28º	29º e 30º	31º e 32º	33º e 34º	35º e 36º	37º e 38º	39º e 40º	41º e 42º	43º e 44º	45º e 46º	47º e 48º	49º e 50º	51º e 52º	53º e 54º	55º e 56º	57º e 58º	59º e 60º	61º e 62º	63º e 64º	65º e 66º	67º e 68º	69º e 70º	71º e 72º	73º e 74º	75º e 76º	77º e 78º	79º e 80º	81º e 82º	83º e 84º	85º e 86º	87º e 88º	89º e 90º	91º e 92º	93º e 94º	95º e 96º	97º e 98º	99º e 100º

2.3. Cada aluno deverá preencher a tabela utilizando o algarismo 1 para preencher cada nível de escolaridade frequentada por cada um dos membros de sua família, iniciando pela geração de seus avós. Isto facilitará o somatório de cada tipo de evento.

2.4. As informações de identificação de cada membro das famílias dos estudantes devem ser cuidadosamente preenchidas. O nome de cada parente informado deve ser inicializado pelo sobrenome do próprio aluno, de forma a poder viabilizar futuras conferências dessas informações. Em classes onde estejam matriculados alunos de várias formações/graduações, em disciplina comum do curso de licenciatura, o professor deverá fornecer a abreviatura de cada uma que deverá acompanhar a informação de cada parente do aluno licenciando, para posteriores comparações, por exemplo, entre a escolaridade dos familiares dos diferentes licenciandos (letra, física, matemática, geografia, história, etc).

2.5. Dúvidas quanto à nomenclatura da escolaridade devem ser resolvidas com o professor.

2.6. Espera-se que cada aluno traga informações de no mínimo sete sujeitos: ele próprio, seus pais e seus quatro avós. Com essa estratégia visa-se a resgatar a escolaridade de sujeitos nascidos ao longo de um

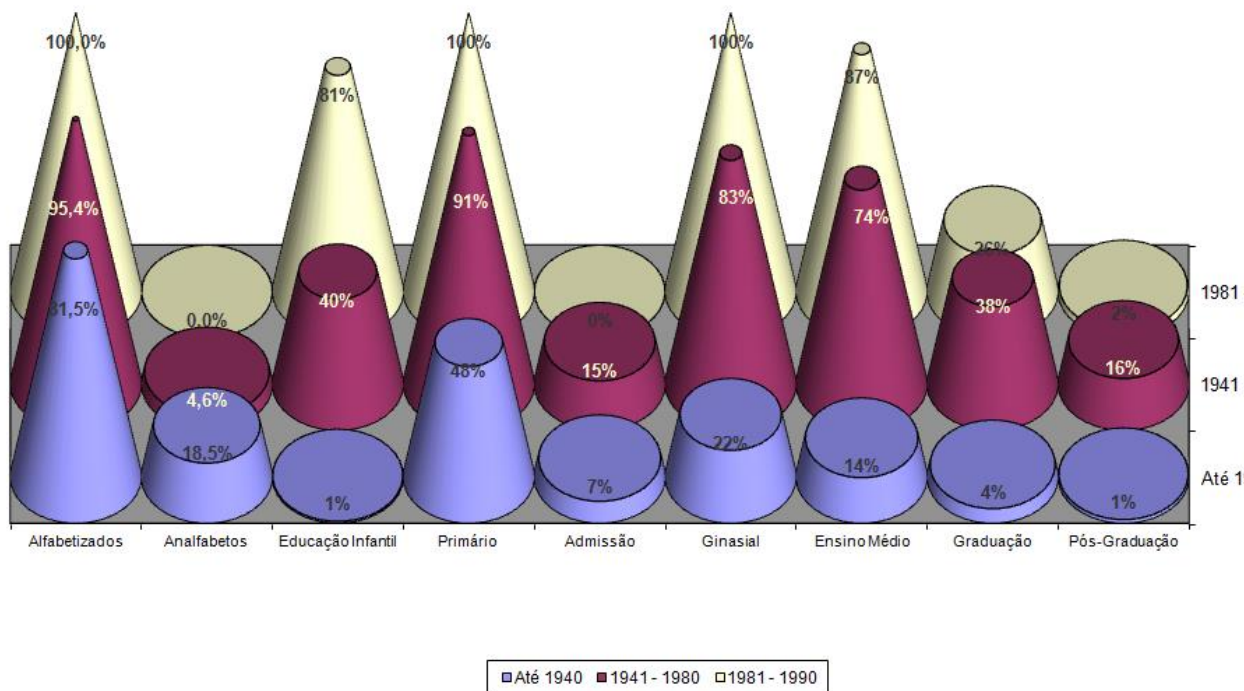
³ Ver Figura 2 – Organização do Ensino no Brasil - Terceira Parte desta publicação

século, perfazendo quatro gerações: avós, pais e tios, alunos e irmãos, filhos e sobrinhos.

3. Análise e levantamento de outras informações.

3.1. Coletados os dados (por grupo de quatro, no qual um coordenador será encarregado de enviar os dados para a planilha geral da classe), pode-se ordenar a tabela por diferentes maneiras/colunas: grupos de idade, gênero, local de nascimento, níveis de escolaridade incompleta e completa, etc, fazendo gráficos, tal como este elaborado por uma aluna da FEUSP:

A escolaridade dos familiares dos alunos da turma de Políticas Públicas da Educação Básica (POEB) – ano 2002



Nesse caso, a amostra coletada foi organizada em três grupos etários e é visível a ampliação da escolaridade entre os nascidos entre 1981 e 1990, que à época da realização do exercício não tinham, em parte, atingido a idade para terem concluído o Ensino Médio e a Graduação.

4. Entrevistas e coleta de documentos.

4.1. A sequência da pesquisa elucidada as questões apontadas na coleta dos dados quantitativos, pois se propõe que os alunos façam entrevistas com seus familiares, buscando compreender a trajetória de escolaridade de cada um, trazendo para o grupo a indicação de sujeitos de sua família que se dispõem a fornecer ao grupo uma entrevista de maior profundidade, do tipo história de vida. De preferência um por cada geração, deverá ser selecionado pelo grupo de alunos.

4.2. Candeias (2001:61), ao fazer estudo sobre a escolaridade de quatro gerações de uma pequena localidade de Portugal, propôs o levantamento de quatro tipos de informações, que podem servir de guia para essas entrevistas:

- Relacionadas ao cotidiano – como eram/são as relações do dia a dia, buscando saber sobre as características vividas por cada uma dessas gerações nos diferentes momentos.

- O papel que escola ocupou/ocupa em cada uma dessas gerações, inclusive as formas de acesso à escola, o grau de facilidade desse acesso.

- A intensidade e as modalidades do trabalho produtivo familiar, definido como as atividades com relevância econômica para o agregado doméstico.

- A maneira como o lazer, a brincadeira, definida como uma forma autônoma e não institucionalizada de gestão do tempo livre se inseria/inseriu nos quotidianos infantis, inclusive os seus artefatos.

4.3. Nessas entrevistas é possível a recolha de documentos que podem compor uma pequena exposição e debate em sala de aula.

4.4. Comparar os dados de escolaridade dos familiares da turma com a escolaridade da população brasileira, em diferentes anos, por meio de consulta aos Anuários Estatísticos do IBGE (<http://www.ibge.gov.br>).

4.5. Produzir um relatório, retomar as informações da terceira parte dessa publicação para produção de textos analíticos dos dados obtidos. Textos que tenham como base o trabalho de Bourdieu, especialmente, sobre o conceito de capital cultural, devem ser trazidos à discussão⁴.

⁴ Sobre Bourdieu, há disponível no youtube dois excelentes materiais:

Texto 3

Realizar entrevistas para responder a uma questão-problema. O exemplo dado, a seguir, é apenas um dentre vários problemas que podem ser tomados para entrevistas pelo estudante de sociologia. Assim, a evasão escolar dos jovens, as questões consideradas como indisciplina, o mal estar docente, frequente em tantas escolas, a pouca participação da comunidade, são temas, entre outros, possíveis de serem problematizados pelo uso de entrevistas.

As entrevistas, relatadas, a seguir, referem-se à formação do professor. Uma questão importante na escola é a qualidade da formação inicial e continuada de seus professores, questão que pode ser objeto de pesquisa por parte dos alunos, em especial nos cursos de licenciaturas em que estejam presentes licenciandos de diferentes áreas, da seguinte forma:

. Problematizar e elencar as características de um professor considerado excelente pela turma e as exigências de qualidade, que seriam necessárias a um processo formador de professores excelentes. O texto de José Mario Pires Azanha, “Uma reflexão sobre a Didática” (1987), pode ser o desencadeador desse debate⁵. Nesse texto, o autor, ao discutir a didática, pergunta se é possível “ensinar tudo a todos totalmente, bastando para isso valer-se de um método”, questionando esta máxima de Comenius (1657), que é considerado como o fundador da didática. Na sequência, o autor pergunta se há um método para ensinar com êxito e do qual possa se valer um professor. Para Azanha, sobre a atividade de ensinar: “trata-se antes de um saber fazer do que de conhecer certas regras e aplicá-las” (1987:76). Bons professores, em nível de excelência sabem como ensinar. Daí, também, a dificuldade de ensinar um professor a ensinar bem, em nível de excelência, a não ser estimulando o professor a ousar e experimentar criativamente o exercício da docência.

a) **Um vídeo sobre o conceito de “capital cultural”, conceito de Bourdieu, bastante importante para a discussão da atuação da escola.**

<http://www.youtube.com/watch?v=Qlc6GBeCO50>.

b) **Entrevista com Pierre Bourdieu (com legendas em espanhol)**

<http://www.youtube.com/watch?v=QjBqYZzd7s0>

Nesse texto, Azanha vale-se de uma epígrafe, retirada de Nitché, que pode ser aplicada ao desafio da entrada na docência: “Como se deve palmilhar a encosta? Sobe e não penses nisto”. Ou seja, cada professor tem que se fazer o desafio criador da docência e enfrentar , obviamente, com o preparo e planejamento devidos, o exercício docente.

. Daí ser uma estratégia decorrente do próprio debate, solicitar que os alunos, divididos por área de formação, localizem e entrevistem, em seus cursos de origem, o professor que mais se aproxime das características do professor excelente, selecionadas no item anterior.

. Formular um roteiro de entrevista – tipo história de vida para ser aplicado a esse professor. A problematização proposta refere-se à questão do como ensinar. Portanto, pretende-se formular um roteiro de questões, de modo a colher informações sobre como foi a sua formação como docente e como ele mesmo explicita as razões de sua qualidade como docente.

. Comparar as entrevistas a partir de sua categorização conjunta pelo grupo de alunos, discutindo a formação e a prática do professor, que são necessárias à escola pública de qualidade.

Box – Trechos da entrevista realizada com a Profa Odete Seabra, uma professora que preencheu o critério de excelência, como professora de geografia, tal como este foi formulado por uma turma de licenciandos da FEUSP, em atividade, feita conforme foi descrito nesse item. Na atividade realizada, foram entrevistados 20 professores de diferentes áreas do conhecimento/ institutos ou escolas de origem dos alunos presentes no curso de licenciatura, disciplina Políticas Públicas da Educação Básica (POEB), no ano de 2002. A Professora Odete Seabra, em seu depoimento, revela sua formação docente imbricada em suas condições de vida. Pelo seu relato é possível perceber os meandros da cidade de São Paulo, recortada pelo rio Tietê. As condições da geografia urbana da cidade marcam a sua formação muito antes de ela haver se formado como professora de geografia. O contato com o outro, com a população trabalhadora, negra e ou imigrante, com a escola pública e com a situação política do país são, sem dúvida, elementos importantes considerados por Odete, em sua formação docente. A presença de material escrito, a leitura de O Estado de São Paulo, que curiosamente sua mãe assinava, revela um traço que se repetiu em outras entrevistas realizadas nessa atividade, as quais relacionaram livros ou materiais escritos à figura materna.

A importância do meio em que a criança vive:

Odete: Eu penso que a criança vai, mesmo que não se queira, introjetando todo o ambiente no qual vai sendo criada (...) Vai vivendo muitos embates na vida com aquilo que traz dentro e o que ela vai recebendo de fora. O que ele traz dentro, é desde que nasce. Claro que aí está todo o meio social, da família, uma ordem próxima; uma ordem super próxima. Então molda o gosto, a sensibilidade; vai moldando, mas é uma coisa que vai aos pouquinhos e desde que nasce a criança está se formando (...), então minha família me transmitiu um meio social que, já nessa minha idade, eu posso ver (...) gosto de lembrar, tenho muito prazer nisso e fico pensando que eu nunca tive um trauma. Eu sou uma pessoa que se criou sem nenhum trauma: familiar, doméstico, profissional escolar, nunca tive um trauma. Um enorme privilégio que eu tenho é a consciência (...) as coisas acabavam sendo pra mim sempre muito naturais (...) suponho que seja porque foi sendo tudo acontecendo num acúmulo, sem descontinuidade, sem grandes rupturas embora eu tenha ficado órfã com seis anos. Fui uma pessoa criada sem pai. De fato não sei bem porque mas acho que é pela minha família. Minha família era uma família muito simples e que se sabia muito simples. E... E vivia!

Sobre seu fazer-se professora, enquanto se fez pessoa, de seu depoimento aflora a importância que atribui a seu aprendizado extraescolar com o gosto do saber da escola, as relações de vizinhança, a aprendizagem com a população trabalhadora que tirava areia do rio Tietê.

Odete: Eu nasci no bairro do Limão. Meus irmãos também. Todos... Minha mãe morou na mesma casa 70 anos... Na avenida Thomás Edson, que hoje é a avenida Celestino.... Como era um lugar do outro lado do rio, bem isolado, as famílias vinham se estabelecendo ali, se conheciam e se ajudavam. Num lugar onde as pessoas se conhecem elas têm um certo compromisso. Eu sinto que ter morado ali, de todas aquelas pessoas eu recebi coisas. Eu recebi coisas dos imigrantes italianos, dos negros, dos portugueses, principalmente. Os portugueses vinham do campo, eles eram agricultores, a maior parte deles. Era uma gente bastante rude, em geral analfabetos, mas vinham pra fazer o trabalho mais duro que tinha pra ser feito em São Paulo, que era tirar areia do rio Tietê. Separar areia do

pedregulho, classificar tudo isso e comercializar. Eles vinham com um sacrifício enorme. Foi uma corrente de imigração muito grande, e também era triste a imigração porque tinham muitos homens sós, sem família. Mas nesse lugar foi um ambiente de conhecer muita gente, muita gente! É por isso que eu falo tanto e que eu tenho facilidade de comunicação, por causa do ambiente em que eu fui criada (...) Minha mãe era imigrante, filha de imigrantes, espanhola, veio da Galícia. Fui ao Serviço de Imigração e já vi a ficha da família, entrando em São Paulo e sendo enviados para Fazenda Guatapará, em Ribeirão Preto, onde ficaram todos doentes. Meus avós tinham cinco filhos. Todos doentes, o próprio fazendeiro os despachou da fazenda porque eles davam mais trabalho do que trabalhavam. Eles vieram para São Paulo, minha mãe tinha quinze anos e, imediatamente, foi trabalhar na fábrica. Ela trabalhava na fábrica de cordas na Estação da Barra Funda. E pelo jeito era forte como os visigodos da Galícia, porque ela costumava contar que um dia chamou o chefe e falou: "Olha, por que eu ganho menos que eles se eu carrego um fardo do mesmo tamanho?" E o chefe falou: "É verdade". E passaram a pagá-la como aos outros.

Também a vivência escolar e as dificuldades do acesso à escola são aspectos formadores considerados, sua escolaridade no, então, curso secundário, posto que fez o antigo primário numa escola que cobrava pequena mensalidade, escola simples, de freiras francesas camponesas .

Odete: Eu fiz a pré-escola, parece que é muito bom pra criança fazer a pré-escola. Acho que foi bom pra mim. Eu entrei com seis anos. Quando eu cheguei no primeiro ano, a escola era familiar, já tinha a minha turminha lá mas foi muito bom (...) Eu estudei nessa escola até os 11 anos e depois não tinha ginásio. Na Zona Norte não tinha ginásio. Tinha que atravessar o Tietê e vir pra Barra Funda ou pro Bom Retiro. Então eu continuei lá (...) Quando eu tinha 15 anos fui fazer o primeiro ginásio, porque aí eu podia andar sozinha e ia noutro bairro. Com 15 anos eu fiz o primeiro ano ginásio, no Alarico da Silveira, na rua dos Italianos. Aí foi uma fase bonita mesmo! Foi uma fase assim de descobrir o mundo, de descobrir o mundo! E foi bom... Quem sabe se eu tivesse ido mais nova, não teria percebido tanto! O Bom Retiro era um bairro de italianos e de judeus. Então, a classe, em minha turma, havia italianos e judeus. Eu não sabia o que eles eram, comecei a

descobrir. Eu tinha aquela outra história, da outra migração lá do meu bairro. Foi somando. Foi uma fase muito boa nessa escola. Depois, os colégios estaduais eram excepcionais! Esse colégio abriu muito as perspectivas em relação ao mundo.

Eram 4 anos de ginásio e 3 anos de colégio. E aí eu fui trabalhar.

Quando chegou a época do colegial eu comecei a trabalhar. Fui trabalhar num escritório de contabilidade (...) eu comecei a me interessar por fazer vestibular e me inscrevi no Cursinho do Grêmio. E a minha família dizia assim: "Ai, mas vai estudar de noite, de novo." Por causa do frio, São Paulo era muito frio. Mudou a temperatura em São Paulo. Se vocês examinarem... Ela mudou muito rapidamente. Eles diziam: "Mas tem coragem?" Eu dizia: "Ah, eu vou". E resolvi então fazer vestibular. Mas não tinha turma de geografia. E eu fazia cursinho com a turma de economia. E eles queriam de qualquer jeito que eu fizesse vestibular pra economia. E aí era uma encrenca. E eu dizia: "Não, vou fazer geografia!" E eles diziam: "Mas porque geografia?" Era, eu me lembrava disso, eu tive no curso secundário muito prazer de estudar geografia. Sabem por que? Acho que é este prazer que eu carregava. Na sociedade simples, mas muito simples, é aquilo que abre um horizonte em relação ao mundo. É Geografia mesmo! Hoje, menos, por causa da televisão. A televisão é muito concorrente com a geografia. Eu lembro de ter aulas sobre os Estados Unidos, nossa, aquilo era uma maravilha: todos os belts, corn belts, cotton belts, e não sei mais o que... Aquilo era demais! E depois estudar a estrutura das populações. Então é uma abertura muito grande pro mundo, a geografia (...)

E as experiências já como professora se confrontam com a continuidade dos estudos e a repressão política no período da ditadura militar:

Odete: *Depois de formada, trabalhei num curso de madureza, dava aula no curso de madureza, no Sindicato dos Bancários. Depois eu fui dar aula num ginásio na Vila das Belezas, lá no Jardim Angela quando tava loteando lá eu dei aula num ginásio e foi também uma experiência muito boa. Foi a primeira vez que eu peguei assim uma classe e fui... Eu lembro até hoje, os meninos tinham saído da escola primária, então eles tinham 11, até 12 anos. Eram várias classes, eu dava só pro primeiro ano. Eram muitas classes. Fui fazer*

excursão com eles, sabe pra onde? Onde é a hoje a Giovanni Gronchi, aquilo só tinha uns caminhos, então eu andava com eles lá explicando: lixiviação, escoamento superficial, tal andava com eles lá, todo sábado eu fazia excursão com as crianças dessa escola. Depois dessa escola, o que eu fiz hein? Ah, eu não me lembro. O que eu fiz depois dessa escola?

Na minha época, sabe qual era a maior ofensa que você podia fazer a uma pessoa? Era chamá-la de alienado. Era uma injúria.

Na militância havia muitas formas de estar. Teve gente que fez um movimento de resistência à ditadura muito grande. Esse movimento de resistência ele vinha das facções que aconteciam dentro da esquerda. Quanto mais cindia mais se radicalizava. A cisão acontecia no sentido da radicalidade do movimento. E na ponta pegou-se em armas na guerrilha urbana. Todos nós entendíamos perfeitamente os motivos do movimento. Foi com muito sacrifício que atravessamos esse período. Em 68, o movimento de 68 tem um caráter abrangente. A liderança européia era um alemão Rudi(?) e depois tinha uma liderança na França e depois aconteceu em Los Angeles. Então uma das coisas que se perguntava muito era que força de contestação era essa que tinha uma abrangência mundial. Na França as barricadas, uma coisa impressionante. Ele chegava inteiro ao mesmo tempo, não era um dia depois não. Chegava ao mesmo tempo em Buenos Aires, em São Paulo, no Rio de Janeiro. Era assim, só depois que passa é que a gente pensa como é que sobreviveu. Mas tem isso, sabe? Em momentos como esse a vida cotidiana é completamente invadida por essas conjunturas. Essa história de comer, levantar, deitar, isso aí tudo é secundário. Eu imagino que deva ser uma revolução. É uma outra coisa. Altera fundamentalmente a noção de tempo. O movimento de 68 foi a última resistência à conservação capitalista.

Texto 4

Construindo um instrumento para a autoavaliação da escola

A partir dos conceitos da Sociologia da Educação, professores e alunos podem fazer uma avaliação global de uma unidade escolar, propondo à escola um instrumento quali-quantitativo que contribua para sua autoavaliação.

A análise da qualidade da escola deve conter, na medida do possível, um conhecimento crítico e profundo da realidade econômica, social e política do entorno da escola e do país. Uma escola é uma instituição complexa, tal como foi apresentado nas unidades anteriores desta publicação. Uma forma de observá-la pode ser feita a partir da seleção e problematização de itens, organizados por eixos temáticos ou categorias, compondo um Roteiro de Observação. Grupos de alunos podem se organizar na observação desses temas, para focá-los com maior profundidade, de forma que a classe, no conjunto, cumprirá o roteiro em sua íntegra.

A proposta apresentada a seguir, pode ser desdobrada em maior número de eixos, conforme o tamanho e o interesse da turma de alunos-pesquisadores. É fundamental que esse trabalho de construção de itens de observação seja discutido, modificado pelos alunos, de forma a preparar a observação detalhadamente. Cada eixo temático deve ser acompanhado de um pequeno verbete que conceitue o seu significado, orientando a observação. Segue, então, como sugestão, os seguintes eixos temáticos:

1. **Clima Escolar – Gestão e Espaço:** envolve as relações na escola entre os diferentes segmentos (alunos, professores e funcionários) e entre a escola (professores e funcionários) e a comunidade externa (famílias/comunidade).
2. **As práticas pedagógicas no espaço escolar –** envolve as ações desenvolvidas dentro e fora da sala de aula, os tempos e os espaços utilizados, bem como a qualidade das práticas desenvolvidas na sala de aula e extraclasse. Esse eixo temático deve, portanto, abarcar a forma como está sendo praticado o currículo escolar e as avaliações internas e externas das escolas.
3. **A qualidade dos espaços escolares em si –** envolve a descrição dos espaços e as condições de acesso e de uso.
4. **As instituições presentes na escola –** envolve a análise dos documentos e das reuniões do Conselho de Escola, da Associação de Pais e Mestres (APM) e do Grêmio Estudantil. O importante é descrever e analisar qual é a importância dessas instituições para a escola.
5. **As formas de comunicação da escola com seus alunos e comunidade –** Informativos, painéis, jornais e sites.
6. **Os documentos escolares –** compreende a análise do Projeto Político Pedagógico, do Regimento Escolar e de outros registros de projetos e documentos (inclusive fotos). Uma visita ao chamado “arquivo morto escolar”, onde são armazenados os livros de matrícula, os livros de visita, inclusive os

referentes à supervisão escolar, os registros de ocorrências, compõe esse item, que visa situar/elaborar um levantamento do histórico da escola.

7. Recursos na escola e sua gestão – compreende o levantamento dos recursos que são transferidos à escola pública, compreendendo como a escola se envolve em sua demanda e em sua aplicação.

Por serem documentos constitutivos da unidade escolar, o Projeto Político Pedagógico e o Regimento Escolar devem ser lidos por todos os alunos, independentemente de sua opção temática, ainda que o aprofundamento da análise desses documentos possa ficar com um grupo específico.

Sugere-se que os itens observados (a) sejam arrumados numa planilha, permitindo a atribuição de comentários e de notas (de 1 a 5), de forma a propiciar a discussão entre os membros dos grupos que observarão a mesma categoria.

A construção dessa planilha de itens, organizados por essas categorias, se submetida à participação da comunidade escolar com um todo, pode se constituir num material para a auto-avaliação das escolas.

A sugestão, a seguir, referente a itens organizados sob o eixo-temático “Clima da Escola”, é um exemplo para o desenvolvimento de itens sobre as demais categorias propostas.

1. Clima da Escola					
Observação referente à quantidade e qualidade das relações dos profissionais da escola com alunos e com a comunidade de modo geral. Muitas vezes, a escola, semelhante a uma fábrica, estabelece um padrão de separação e de isolamento de cada tipo de interação social – cada coisa em seu lugar, em cada lugar uma só coisa – dificultando as relações ou mesmo impedindo que elas ocorram. Grades, por vezes, isolam as relações entre os diferentes segmentos e apenas aparentemente servem para guardar o patrimônio. Por vezes, as escolas se parecem com os bancos, onde os vidros e grades “transparência entre os ambientes” são usados para controle. Há uma sensação de “medo” entre os segmentos escolares. Não são essas sensações que buscamos encontrar na escola de qualidade. Acolhimento, segurança, bem estar, liberdade e uso diversificado do espaço não são incompatíveis com o ato de aprender-ensinar.					
Notas					
1	2	3	4	5	
					Acesso da comunidade à escola.

					Acesso dos pais aos professores.
					Quantidade de profissionais por agrupamento de alunos.
					Alunos em média por sala de aula.
					Qualidade das relações efetivadas nos espaços comuns fora das salas de aula e onde atuam os funcionários de apoio escolar. Exemplos: as merendeiras e os funcionários de limpeza têm atitudes/ações que sugiram um processo pedagógico nas situações de refeição, ou, há alguma atividade pedagógica sobre a limpeza da escola envolvendo as serventes e o trabalho que as mesmas executam.
					Nível de valorização dado por professores, alunos e diretor aos serviços de apoio - qualidade da interação entre alunos, professores, direção e funcionários de apoio.
					Acesso dos alunos aos diferentes espaços escolares
					Uso pela comunidade externa das áreas comuns: quadras, biblioteca e outros espaços
					Atividades comuns nas áreas externas: rádio, teatro, exposições de trabalhos das classes.
					Existência de espaços/mobiliário que propiciem a sociabilidade e o encontro dos alunos fora do tempo de sala de aula ou de horas-aula nos pátios (móveis que facilitem o trabalho de grupos nos espaços comuns, por exemplo)
					Acolhimento dos alunos à escola de acordo com uma forma democrática de gestão: existência de combinados sobre o horário de abertura dos portões, tratamento dado aos alunos que se atrasam, permissão aos alunos estarem na escola fora do horário de aulas, etc.
					Acolhimento diferenciado (lanche e/ou horário) aos alunos trabalhadores (especialmente, para os alunos do período noturno)
					Valores presentes na escola
					Autonomia.
					Solidariedade.

					Competição.
					Respeito.
					Sociabilidade.
					Sentimento de pertencimento a uma comunidade.
					Sentimento e expressão de “coisa pública”.

Texto 5

Outros instrumentos podem contribuir no debate de temas da Sociologia da Educação - Filmes como material de ensino e de pesquisa⁶.

Um filme, desde que previamente selecionado e preparado como atividade pedagógica, pode enriquecer os debates de temas da sociologia da educação. Diferentes objetivos podem ser elencados na utilização de um filme em sala de aula. É essencial que o professor assista ao filme, antes de apresentá-lo a seus alunos, fazendo para si um roteiro de leitura do filme, com questões para o debate do filme. Um grupo de alunos pode dividir com o professor essa tarefa. A divisão que se faz de um filme ou o destaque de partes é um procedimento arbitrário - depende da definição do objetivo que se quer atingir com a análise do filme. Um filme é uma construção cultural muito mais complexa do que a redução que se faz ao torná-lo uma atividade pedagógica. Portanto, para além do roteiro, cabe ao professor instigar que os alunos possam refletir/indagar sobre outros aspectos fora do roteiro preparado.

Por exemplo, com o filme “O Carteiro e o Poeta”, o professor pode ter como objetivo que seus alunos percebam a importância da linguagem no desenvolvimento da ação política, a formação das representações sociais, a diferença entre observações de senso comum e o pensamento sistematizado/político.

Exemplo de Roteiro

Filme “O carteiro e o poeta”

Direção Michael Radford

⁶ Ver relação de filmes ao final dessa publicação.

Baseado na obra : “Il postino di Neruda” de Antônio Skarmeta

Elenco: Vincenzo Testa

Philippe Noiret como Pablo Neruda

Massimo Troisi como Mário Ruoppolo

Objetivo: Apreender o papel da linguagem na construção do pensamento e da formulação política. Analise com foco na relação estabelecida entre o carteiro e o poeta.

1ª Parte – Apresentação de Mário

Cenas limites: Início até a contratação de Mário como carteiro

Objetivo: Identificar Mário. Observar as relações entre Mário e:

- O seu pai;
- O mundo letrado;
- A sua comunidade

2ª Parte – Mário e o poeta

Cenas limites: o primeiro contato com o poeta até a cena do mar, quando Mário pergunta ao poeta: - “por exemplo não sei se me explico, quer dizer que o mundo inteiro, que o mar, que o céu a chuva, as nuvens a terra... (interferência do poeta: agora pode dizer, etc., etc. ...). Então “que o mundo inteiro é metáfora de alguma coisa”?

Observar:

- O desenvolvimento das formas de expressão e de linguagem;
- A descoberta e a compreensão do significado das metáforas pelo carteiro;
- O processo criativo e seus impasses – o desenvolvimento da observação, do registro e da escrita;
- A relação pedagógica e política entre o poeta e Mário;
- O papel da afetuosidade nas relações - a dimensão humana da prática política e pedagógica

3ª Parte - O uso das metáforas: sentido poético e sentido político

Cenas limites: o primeiro contato com Beatrice até o casamento de Mário com Beatrice.

Observar: - O papel político dos versos de Pablo Neruda – obra: “O canto geral”;

- Os pescadores e a venda das ostras;
- A questão da água;

- A questão da representação e o alargamento da descrição, do registro e da criação

4ª Parte A prática política – a possibilidade de interferência/transformação – o planejamento

Cenas limites : a partida do poeta até a sua volta à ilha.

Observar: - As questões da eleição e da representação política, da organização.

- A consciência política a busca de formas de intervenção.

Texto 6

Fotografias e documentos escolares – revelando a história e contribuindo para a transformação da realidade

A fotografia e outros documentos, presentes nas escolas e em acervos individuais ou familiares de estudantes e de professores, constituem um material rico em informação para a compreensão e o estudo da educação escolar.

Falando sobre a importância da fotografia, Ciavatta, assim se refere:

...as fotografias são monumentos, na medida em que, para além da simples descrição, traduzem valores, ideias, tradições e comportamentos que permitem tanto recuperar formas de ser e agir dos diferentes grupos sociais, em diversas épocas históricas, como também, operar sobre as representações que deles, ainda hoje, perduram e atuam como elemento de coesão social para seus descendentes (CIAVATTA, 2002).

Com a análise de fotografias e de documentos armazenados pela escola e comunidade, é possível reconstruir a cronologia de uma instituição escolar. Verificar a existência de tais documentos, fazer sua análise e/ou provocar que o coletivo da escola se envolva em pesquisa com vistas à recuperação de sua memória é, sem dúvida, uma atividade significativa para a Sociologia da Educação, na medida em que torna possível uma análise da escola com maior profundidade.

Vários podem ser os procedimentos para isso, envolvendo alunos e professores. Localizar e organizar os documentos e, dentre eles, as fotografias é uma primeira atividade. Processo simultâneo, ou que tem como passo seguinte a formulação de um conjunto de perguntas, cujas respostas situam o material coletado e trazem um questionamento sobre as informações que os documentos portam, permitindo a elaboração de uma tipologia e de uma cronologia. Datas, objetivos e conteúdos que os documentos apresentam, bem como a sua origem, forma, periodicidade e responsabilidade por seu preenchimento são itens a serem considerados nessa classificação.

Contribuindo com esse objetivo, está o quadro de documentos escolares de Maria João Mogarro (2005), que serviu como referência àquele que se encontra a seguir.

Quadro - Documentos escolares e suas informações

Documentos	Possíveis Informações/pesquisas
1. Atas de Conselho Escolar Atas diversas	<ul style="list-style-type: none"> • Tensões entre professores: debates, conflitos, estratégias de coordenação, reflexão interna sobre a instituição, tomadas de posição individuais; • Opções pedagógicas e curriculares; • Formas de abordagem dos problemas disciplinares dos alunos; • Orientações internas da vida da escola; • Atividades extra-curriculares etc
2. Livros de cadastro de professores; Processos de professores	Caracterização e evolução do corpo docente da instituição escolar: origem geográfica, formação acadêmica e profissional, percurso e valorização profissional, anos de ligação à instituição.
3. Livros de Cadastro e de Matrícula dos alunos; Processos de alunos.	Definição do perfil dos alunos que, ao longo dos anos, frequentaram a escola: origem geográfica, articulação com a comunidade e a região, idade de entrada e saída da instituição, relação quantitativa de gêneros, estudo da formação dos grupos locais, sociais e econômicos que frequentaram a escola, etc.
4. Livros de Termos de Visitas da supervisão Escolar Outros Livros de termos	<ul style="list-style-type: none"> • Relação entre a escola e os órgãos centrais dos sistemas de ensino; • Comparação entre unidades escolares visitadas pelo mesmo supervisor. • História da escola e das alterações em seu atendimento.
5. Atas de Resultados Escolares	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação dos resultados alcançados pelos alunos e estabelecimento das taxas do seu sucesso/insucesso
6. Regulamentos internos; Ordens de serviço; Avisos e Convocatórias; Atas do Conselho Escolar.	<ul style="list-style-type: none"> • Apreensão da vida quotidiana escolar, dos valores, normas e regras, das questões disciplinares, das atividades extracurriculares; • Conhecimento do trabalho docente (através dos registros institucionais e pessoais que o permitem) e das relações (de cumplicidade e/ou de conflito) entre professores.
7. Listas de professores, alunos, turmas; Divisão de turmas e de turnos; Horários;	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterização do trabalho de gestão e de organização pedagógica da instituição escolar;

Documentos sobre estágios, avaliação e outros elementos curriculares.	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação de modalidades de governo interno dos agentes e sujeitos educativos, assim como da organização do tempo e do espaço escolares; • Análise da interpretação institucional relativamente aos planos de estudo, aos saberes disciplinares e às práticas escolares, na perspectiva de apreensão dos sentidos que a escola atribuía a sua atividade formativa
8. Folhetos; Brochuras; Convites; Anúncios	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação de festas, espetáculos, exposições, manifestações e outras realizações muito diversificadas que marcaram o calendário escolar.
9. Coleções de correspondência expedida e recebida; Circulares emanadas dos serviços centrais.	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterização das relações institucionais com os organismos da tutela e avaliação do grau de autonomia das instituições escolares face ao poder central.
10. Projeto Político Pedagógico Outros documentos Relatórios	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão da imagem que a escola construiu sobre a sua atividade e funcionamento, na perspectiva da direção da instituição e/ou da comunidade escolar como um todo; • Conhecimento e análise das categorias utilizadas nesses documentos.
11. Materiais escolares diversos (manuais, inventários etc.); Inventário e ficheiros da biblioteca escolar.	<ul style="list-style-type: none"> • Sistematização dos traços da história do currículo, das disciplinas escolares e das relações pedagógicas, permitindo a apreensão e identificação; • Apreensão dos elementos do quotidiano na sala de aula e da natureza dos processos educativos que nela se desenvolve(ra)m; • Identificação do sentido que marcou a evolução dos saberes e dos modelos culturais e pedagógicos presentes na escola.
12. Trabalhos de Alunos.	<ul style="list-style-type: none"> • Análise dos mecanismos em que assentam os processos de ensino-aprendizagem e do significado dos rendimentos exigidos pelas diversas disciplinas aos escolares; • Compreensão, do ponto de vista dos alunos (uma perspectiva só muito recentemente valorizada), das evoluções e as mudanças profundas que ocorreram no campo da educação;
13. Documentos relativos à gestão financeira e contabilidade da escola; Documentos relativos ao pessoal auxiliar.	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação da gestão e dos critérios de aplicação do orçamento das escolas, remetendo para questões de economia da educação.
14. Jornais e revistas da instituição escolar; Livros de curso e livros de finalistas;	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação das vozes (individuais e de grupo) de professores e alunos, a partir da

Outras publicações de professores e alunos	análise dessas publicações, em que os autores expressam a sua visão do mundo, da profissão e da escola;
15. Fotografias e imagens.	<ul style="list-style-type: none"> • Observação e análise de um variado leque de documentos da/sobre a escola, que permitem apreender a riqueza dos espaços, dos ambientes, dos objetos e dos sujeitos sociais da escola e de sua comunidade.
16. Registros escrito e/ou sonoro de depoimentos, entrevistas, etc.	<ul style="list-style-type: none"> • Diferentes visões sobre a escola em suas múltiplas funções e em diferentes momentos.
17. Documentos oficiais de criação e de modificação de funcionamento. Placas de inauguração e ou reformas	<ul style="list-style-type: none"> • Cronologia da escola e de suas várias modalidades organizativas e funcionais.
18. Livro de recortes de legislação, normas e de outras publicações	<ul style="list-style-type: none"> • Contexto da política educacional presente na vida escolar e de sua relação com seu funcionamento e organização.

Destes documentos, nossa atenção volta-se, especialmente, às fotografias. Mas os cuidados sobre o uso que delas se pode fazer, devem ser estendidos ao conjunto da documentação escolar.

“Tentar conhecer um objeto por sua fotografia é como lidar, simultaneamente, com a multiplicidade de olhares dos sujeitos envolvidos no ato de fotografar, no ato de se deixar fotografar, e na ação de, pelo próprio olhar, compreender a realidade da imagem e a imagem da realidade” (CIAVATTA, 1993:29).

Assim, a fotografia e os demais documentos escolares permitem o diálogo entre tempos distintos. O primeiro, daquilo que é fotografado/documentado. O segundo tempo, o do fotógrafo ou daquele que é responsável pela documentação, tempos que são combinados ou não com os sujeitos que se deixam fotografar/documentar, revelando e ocultando cenas do mundo fotografado/documentado e, por fim, o tempo daqueles que, olhando a fotografia ou os documentos, interpretam as cenas e os fatos neles presentes.

A fotografia e os documentos registram presenças e ausências... aqueles que não estão e a forma como se apresentam os que foram fotografados/documentados. "A fotografia não é, apenas, uma maneira de representar o mundo visível, mas também de tornar o mundo visível" (Lissofsky, 2005,p.2).

Nesse sentido, as fotografias de turmas escolares, de alunos individualmente, de cenas do cotidiano escolar e dos prédios escolares, dentre outras, são importantes documentos, reveladores de permanências e de mudanças da escola. Quem está, quem não está, como está, são perguntas centrais. O acesso à escola – de meninos e meninas, de brancos e de negros – os diferentes níveis sociais que os próprios

uniformes escolares revelam, apresenta-se na análise das fotos de turmas, por exemplo.

Nessa leitura, cabe atenção aos alertas de Albuquerque e Klein:

“Para o pesquisador a leitura de qualquer fonte requer um trabalho de reflexão entre as fontes e as hipóteses, o que lhe permitirá estabelecer as “perguntas” que deseja fazer aos documentos. Esta relação fontes-hipóteses sugere a necessidade da “crítica interna” do documento. Nesta etapa, o pesquisador procurará, de acordo com as suas hipóteses, indagar ao documento aquilo que ele não deseja revelar, priorizando as informações, ou as “pistas” contidas nas “entrelinhas” do mesmo, sem perder a perspectiva do contexto histórico e do momento cultural responsável, em parte, pela forma e pelo conteúdo assumido pelo documento (1987:298).

Especificamente se referindo às fotografias, essas autoras nos remetem, novamente, a Maurício Lissovsky, que:

“é categórico ao afirmar que o pesquisador não dispõe de um método que lhe permita prescindir da subjetividade da perspectiva do fotógrafo. Segundo ele, ‘no processo de produção da fotografia tem-se que combinar três elementos: conteúdo da imagem, o fotógrafo e a tecnologia utilizada.’ Com relação ao conteúdo da foto, Lissovsky observa que, “a primeira coisa a mostrar em relação ao conteúdo da fotografia é o momento histórico que ela está retratando: fazer um movimento em direção ao contexto da imagem (...). Há outro tipo de movimento de aproximação de conteúdo, que é de comparação daquela foto que interessa com outras fotografias que tenham relação com ela.” (ibidem)

A fotografia requer o mesmo tratamento dado a outros documentos escritos, ou seja, o questionamento dos dados ali informados, o contexto de sua produção e de sua origem.

Walter Benjamin (1994) destaca a história da fotografia e da técnica de fotografar, em especial em seu momento inicial, quando a imagem era obtida por um processo longo de exposição e de pose do fotografado. Pesquisar sobre a história e técnica da fotografia, juntamente com professores de Física (que poderá dar as informações relativas ao conhecimento técnico) e de Artes (que podem contribuir com a análise comparativa da fotografia e da obra de arte, da fotografia como massificação da imagem, etc.), pode ser uma atividade bastante importante para compreender como a essa técnica ou arte vem transformando a vida social e, também, as ferramentas da pesquisa que se pode fazer sobre a sociedade⁷.

⁷ Ver, a respeito em: VANTI, Elisa. A fotografia e a pesquisa em História da Educação: elementos para a construção de uma metodologia. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/29407>, consulta realizada em junho de 2015.

Atualmente, há uma enorme facilidade em se obter um registro fotográfico mediante o uso de celulares ou de câmaras digitais. Os alunos podem ser instigados a usar a fotografia como um registro histórico, constituindo pequenos projetos sobre a realidade da escola estudada.

A fotografia como fonte e ferramenta da metodologia de pesquisa-ação

Além de fonte de pesquisa, a fotografia pode compor uma metodologia não convencional de pesquisa, uma modalidade de pesquisa-ação, na qual o pesquisado assume protagonismo no próprio processo da pesquisa, trazendo formas de modificação da realidade, tal como são apresentadas nas atividades de Photovoice, valendo-se para isso de fotos antigas /ou recentes, intencionalmente dispostas.

O termo Photovoice foi criado em meados da década de 90, partindo da fotografia e da voz das populações mais vulneráveis para conhecer as suas experiências e vivências, as suas necessidades, dificuldades e desejos de mudança. Tem como base a teoria de Paulo Freire, a formação para a consciência crítica, o diálogo sobre o mundo. Como técnica de pesquisa propõe as seguintes indagações: “Porque existe esta situação? Queremos mudá-la? Se sim, como?”⁸. É uma técnica de pesquisa influenciada pelo método etnográfico e pelo jornalismo (Given & Saumure, 2008), com três objetivos principais:

- encorajar os indivíduos a identificar e a refletir sobre aspectos da sua própria identidade e experiência pessoal e comunitária (potencialidades e problemas da sua comunidade);
- promover o diálogo crítico e o conhecimento sobre aspectos importantes da comunidade;
- projetar uma visão acerca das vidas dos sujeitos envolvidos na atividade e outros, especialmente aos responsáveis políticos e financeiros, como forma a cobrar dos mesmos, as providências necessárias para a solução dos problemas, cujas fotos documentam em aspectos selecionados propositalmente para essa discussão.

Os pesquisadores em saúde pública vêm usando a técnica do Photovoice, com o objetivo de construir uma consciência coletiva acerca dos problemas que afetam a saúde, como técnica de mobilização da comunidade para buscar junto às autoridades,

⁸ Sobre esta técnica, ver <http://wiki.ua.sapo.pt/wiki/Photovoice>, consulta realizada em abril de 2015.

mas também por sua organização, formas de melhorar as condições de vida e, em decorrência, da saúde.

Da mesma forma, fotos de turmas de estudantes, de construções escolares e dos espaços ocupados pelas escolas podem ser organizadas em oficinas de discussão sobre o direito à educação, valendo-se das sugestões que a técnica da photovoice propõe. São atividades para essas oficinas a análise das fotos localizadas e sua organização em uma exposição. Para tanto, é importante a formulação das perguntas mencionadas a serem dirigidas a esses documentos, possibilitando a criação de temas e de formas de agrupamentos das fotos encontradas, com a escrita de pequenos textos, dando contexto problematizador aos temas sugeridos.

Fotos de turmas de estudantes, de construções escolares e dos espaços ocupados pelas escolas podem ser trazidas para discussão do direito à educação, valendo-se das sugestões que a técnica da photovoice propõe.

Oberve as fotos seguintes da trajetória de um mesmo aluno no Instituto de Educação “Caetano de Campos. Elas se referem à trajetória de um mesmo estudante, do primeiro ano primário à primeira série ginásial (correspondendo ao atual 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental).

A roupa usada, a postura, o número total de alunos, o números de meninas e de meninos em cada turma, o ano escolar em que a turma é organizada por sexo, a presença de crianças brancas e negras, a idade, o local onde as fotos são tiradas, as datas das fotografias de turmas, numa sequência, tal como é mostrado pelas fotografias constituem elementos importantes na análise da lenta conquista do direito à educação.



Instituto de Educação Caetano de Campos - 1947
Turma - 1º Ano Primário
Estudante - segundo da primeira fileira de cima para baixo e da esquerda para direita



Instituto de Educação Caetano de Campos - 1948
Turma - 2º Ano Primário
Estudante - nono da terceira fileira de cima para baixo e da esquerda para direita



Instituto de Educação Caetano de Campos - 1950
Turma - 4º Ano Primário
Estudante - quarto da primeira fileira de cima para baixo e da esquerda para direita



Instituto de Educação Caetano de Campos - 1951
Turma - Admissão ao ginásio
Estudante - décimo da primeira fileira de cima para baixo e da esquerda para direita



A comparação de fotos de turmas em localidades e tempos diferentes elucida as diferenças sociais na conquista desse direito.





Casa alugada para o Grupo Escolar Vila Industrial, atual EE "Profa Ordânia Janone Crespo" – foto cedida pelo seu primeiro diretor - anos 60.



Grupo Escolar Príncipe de Gales – 1940 – turma da Professora Thereza de Jesus Ferreira



EE "Profa Ordânia Janone Crespo" Turma do 4 ano primário (atual Ensino fundamental) - 1981



Escola Progresso – Vilhena/Rondônia/Brasil, anos 70/80. Foto cedida à pesquisadora por Marli Lovinski, professora e ex aluna da escola.